

A OBSERVAÇÃO DE BEBÊS: TECENDO VÍNCULOS PELO OLHAR, PELA ESCUTA E PELA ESCRITURA *

Carmem Lucia Costa Silva¹, Edila Pizzato Salvagni², Mara Noemia Buchhorn Brum³,
Renata Lisbôa Machado⁴, Ivanosca Inês Martini⁵

Tecendo um olhar: da observação e de seus tempos

*“As coisas não querem mais ser vistas por pessoas
razoáveis:*

Elas desejam ser olhadas de azul -

Que nem uma criança que você olha de ave”.

Manoel de Barros

Segundo Martha Harris (1976), é essencial a ampliação da capacidade de observação, para o desenvolvimento do psicanalista. Tal essencialidade se justifica, tendo em vista que a escuta do analista precisa ser permeada por uma postura empática e não intrusiva. Para que essa escuta se realize, faz-se necessário que se desenvolva a capacidade de continência dos conteúdos e sensações evocados num encontro. Nesse sentido, pensamos que é enriquecedora a experiência da observação de bebês, levando em consideração a conquista, pelo observador, de fundar um espaço interior para poder conter as mais diversas sensações que são vividas e suscitadas no encontro com uma dupla-mãe-bebê.

Assim como o curso do desenvolvimento de um ser humano tende ao amadurecimento, a formação de analistas e terapeutas também passa por aquisições e transformações. Com base nisso, quatro observadoras, indo a busca desse amadurecimento pessoal e profissional procuraram uma supervisora que coordenasse um grupo de observação da relação mãe-bebê baseado no método Bick e que acolhesse esse desejo.

*Trabalho apresentado no V Encontro Latino Americano da Comissão de Vínculos, Família e Casal da FEPAL, em junho de 2013. Publicado originalmente em *Psicanálise*: Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, volume 15, número 1 de 2013.

¹ Psicóloga. Psicoterapeuta com Formação em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica pelo ITIPOA. Psicóloga da Secretaria de Saúde de Cachoeirinha. Especializanda do Curso de Especialização na Teoria e Técnica de Intervenção da Relação Pais-bebê – ITIPOA. Observadora do grupo.

² Médica Pediatra do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Especializanda do Curso de Especialização na Teoria e Técnica de Intervenção da Relação Pais-bebê – ITIPOA. Observadora do grupo.

³ Psicóloga. Psicoterapeuta com Formação em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica pelo ITIPOA. Especializanda do Curso de Especialização na Teoria e Técnica de Intervenção da Relação Pais-bebê – ITIPOA. Especialista em Psicologia da Saúde – ULBRA. Mestranda em Patologias del desvalimiento – UCES - FUMM. Membro do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Observadora do grupo.

⁴ Psicóloga. Especialista em Cardiologia pelo Programa de Residência Integrada em Saúde: Psicologia em Cardiologia –ICFUC/RS. Mestre em Psicologia Social e Institucional – UFRGS. Psicoterapeuta com Formação em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica – ITIPOA. Doutoranda em Teoria da Literatura – PUCRS. Observadora do grupo.

⁵ Médica Psiquiatra. Psicanalista pela SPPA. Coordenadora do Curso de Especialização na Teoria e Técnica de Intervenção da Relação Pais-bebê – ITIPOA. Coordenadora do grupo de observação da relação mãe-bebê. Coordenadora de Seminários do ITIPOA. Presidente do ITIPOA na gestão 2006-2012.

Como nos assinala o psicanalista Bernard Golse (2003):

“Uma grande parte da clínica com o bebê está inscrita em nós, sobre o que sentimos, sobre o que o bebê reativa em nós, o bebê que fomos...Enfim o bebê nos obriga a ter uma clínica historicizante, quer dizer, que remete os distúrbios que observamos hoje a uma história que é sempre atacada por todas as formas de ditadura e compreendida por todas as formas de ditadura do pensamento” (p. 21).

Partindo desse marco referencial, passaremos a contar nossa história e as tessituras daí advindas, que colorem a formação desse grupo. Rapidamente, situaremos o método Bick, o qual dá a sustentação da nossa prática de observação. Esther Bick, psicanalista pela sociedade psicanalítica de Londres, e de origem polonesa, tem como uma marca importante da sua história o fato de ter sido designada, aos sete anos de vida, a cuidar do bebê de sua tia⁶. Tempos mais tarde, em 1948, ela introduz a observação da relação mãe-bebê no currículo do curso de psicoterapia infantil da Tavistock Clinic, de Londres. Desde 1960, essa prática passou a fazer parte da formação de analistas da Sociedade Britânica de Psicanálise (SILVA, M.C.P.; SERBER, D.; MIZNE, G.; NOGUEIRA, M.; VENDRAMIM, P., 2007).

O método Bick de observação é baseado em três tempos: o tempo da observação da relação mãe-bebê, o tempo do registro dessa experiência em forma de relato escrito - a ser levado ao grupo e ao olhar da supervisora, e o tempo de leitura e discussão desse registro em grupo de supervisão. Este último desliza para um outro que o complementa, e que é o do registro sobre o relato de quem foi a campo observar, bem como das evocações suscitadas pelas participantes do grupo e do que surge no espaço-tempo da supervisão. É válido destacar que a proposta de Bick não se constitui como uma metodologia de investigação. Sua finalidade principal consiste no crescimento pessoal do observador, o qual irá repercutir no incremento de sua eficácia terapêutica (Bick, 1967; Harris, 1976; Izzedin-Bouquet, 2009).

Em primeira instância, o observador faz uma visita semanal à casa da dupla observada, num tempo de uma hora, respeitando sempre o mesmo horário. Logo após, num segundo momento, o observador faz anotações e registra minuciosamente tudo o que viu, sentiu, pensou. Numa terceira etapa, o grupo se reúne em supervisão e na presença da supervisora deslinda os aspectos verbais e não-verbais que emergem do trabalho de observação e do que foi registrado graficamente.

De acordo com Romina Izzedin-Bouquet (2009), pesquisadora e diretora do Centro de Atenção Psicológica da Infância, de Bogotá:

“O objetivo do observador é estar atento às transformações que acontecem dentro do núcleo familiar e à adaptação mútua entre a mãe e o filho. Isto lhe permite, numa segunda instância, compreender os aspectos inconscientes da conduta do bebê e seus padrões de comunicação, além de concluir acerca de suas relações objetais (relações com os outros). Cabe destacar que é na família onde se originam os primeiros vínculos do bebê⁷” (p. 220).

Chamamos à cena da escritura, o psicanalista Isidoro Berenstein (1988), a fim de trazer luz ao nosso desejo de fazer deslizar nossas perguntas, inquietações e

⁶ Cf. http://es.wikipedia.org/wiki/Esther_Bick Acessado em 12/05/13.

⁷ Tradução livre das autoras.

questionamentos rumo à complexidade das estratificações espaciais inconscientes que compõem as configurações vinculares.

Para ele, o espaço humano contém, frequentemente, a representação inconsciente do próprio corpo, o qual se prolonga no âmbito espacial e da distância na qual um sujeito permite a aproximação do objeto. Nesse sentido, o espaço possibilita uma recuperação de dimensões psicológicas e a partir deste vértice, pode ser considerado uma linguagem (Berenstein, 1988).

Como ele nos diz: “Cada família concebe seu espaço de forma diferente e o estudo desta dimensão pode nos dar dados sobre a organização inconsciente do grupo” (Berenstein, 1988, p. 154).

Em se tratando da observação de bebês, entendemos que a mesma vai acontecendo num tempo gerúndio. Tempo de tessituras, de desvelamentos e de encobrimentos. Tempo de escuta, de espera, de construções e de desconstruções. Tempo de observar, de olhar, de pensar e de digerir. Tempo de elaborar e tempo de inventar.

É, pois, neste ritmo do sendo, do aprendendo, do “em processo”, que elegemos narrar a história de quatro observadoras que, reunidas num *setting* de supervisão e recebendo a sustentação do olhar e do pensar-sentir de sua supervisora, tecem, tricotam e bordam seus pensares num tecido que é produzido por palavras, gestos, sorrisos, reminiscências, recordações, marcas, dificuldades, vulnerabilidades e tudo aquilo que decorre da existência humana. Numa malha simbólico-afetiva, que tem como costura e bainha a experiência de estar em “com-tato” com um bebê, com uma mãe, com um pai, com uma família, vamos descobrindo como se configura um observador. Essa descoberta é um desafio, porque vamos experimentando um novo lugar, em que temos de abandonar a segurança familiar da intervenção com os pacientes e passamos a adotar uma nova postura, não intrusiva e, inclusive, de registro, guardando as memórias e inscrições do que vemos e sentimos para, posteriormente, ser falado e discutido em grupo.

Como diz Sandri (1997):

“O observador vive, durante sua observação, uma aventura singular, que se passa em várias cenas: uma cena “exterior” a ele, representada pela dinâmica profunda da relação bebês-pais e uma cena “interna”, representada pelas emoções, fantasias e, às vezes, pelas vivências corporais suscitadas nele pelo bebê e seu entorno. Finalmente, há uma cena “grupai”, na qual os atores são representados não apenas pelo bebê e seus pais, mas igualmente, pelos membros do grupo: nessa cena, os diferentes elementos trazidos pelo observador (elementos verbais, emocionais, corporais) unem-se, dando vida a novas representações” (p. 61; 64). ”

Tempo de espera e de construção do grupo

Consideramos fundamental, neste momento, falar da construção do grupo, a partir de uma condição de espera. Entendemos que construir é esperar. Portanto, não podemos nos furtar de convidar Roland Barthes (1977) para vir ao texto nos dizer sobre o que é a espera.

Para ele:

“A espera é um encantamento. Recebi a ordem de não me mexer. A espera de um telefonema se tece assim de pequeníssimas interdições, ao infinito até o

inconfessável: não me permito sair do cômodo, ir ao banheiro, nem mesmo telefonar (para não ocupar o aparelho); sofro quando me telefonam (pela mesma razão); desespero de pensar que a tal hora próxima terei que sair, correndo o risco, assim, de perder a chamada benfazeja, o retorno da Mãe. Todas essas diversões que me solicitam seriam momentos perdidos para espera, impurezas de angústia. Pois a angústia de espera, na sua pureza, exige que eu permaneça sentado numa poltrona ao pé do telefone, sem fazer nada” (p.165).

Ainda neste fio da espera, é possível sugerir uma relação entre a espera como condição de observação e a espera como premissa para o surgimento da criatividade. No que diz respeito especificamente ao desenho deste grupo e de como fomos inscrevendo nossas garatuhas iniciais para construir um espaço interior, a fim de receber uma dupla, o lugar da espera foi fundamental.

Desse modo, fomos reservando dentro de nós um espaço e compartilhando, a cada sessão com a supervisora, um lugar para esse bebê poder surgir nessa “barriga grupal”, nesse intra-útero simbólico que constitui e dá vida ao que é tecido e que faz rodar o motor dessa máquina de costura coletiva que gira em torno de uma *poiesis*. Palavras e não-palavras foram enfeitando, ritmicamente, os panos e linhas do material-tecido de cada sessão.

Num dado momento, essa espera se transformou em realização, em conquista: surgiu o nosso primeiro filho. Logo depois, ele nos deixou. Vivemos uma situação dolorosa na qual se configura um aborto. Choramos juntas e secamos as lágrimas; sentimos a dor dessa perda.

Apesar disso, seguimos em frente, tecendo, e a força dessa tessitura começava a aparecer pelos nós que amarram um vínculo. No nosso caso, com matizes saudáveis, vigorosas, tingidas pelo tom da vitalidade, da delicadeza, da doçura, da comunhão da feminilidade, do desejo de aprender e aprofundar as questões em torno do que significa receber, observar e acompanhar uma dupla mãe-bebê.

Tal significado foi se revelando nos nossos escritos e na multiplicidade de elementos que iam se evidenciando no decorrer das nossas discussões. Então, com cada relato, gradativamente, começamos a visualizar um outro tempo: um tempo de construção dessa posição do observador, que ia se decantando e aparecendo na forma de uma suportabilidade maior diante dos estados de inquietude, angústia, peso, desconforto, entre outros. Assim, demos início a uma sedimentação: a de uma condição de poder ir se colocando nesse papel e de encontrar um lugar que favoreça o trabalho de elaboração psíquica.

Essa suportabilidade, necessariamente, passa por uma experiência estética, semelhante àquela de um bebê ser sustentado por uma função ambiental desempenhada inicialmente pela mãe a qual o psicanalista inglês Donald Winnicott (1975, 1988, 2005) cunhou de *holding*.

No nosso caso, sentimo-nos seguradas por um olhar que se expressa na voz, no dizer, no acolher e no significar da supervisora. Ela faz o *holding* do grupo e esse *holding* permite que cada observadora o faça em relação às mães, aos bebês e à relação entre eles.

É sabido que nos constituímos pelo olhar do outro, pela presença de alguém que se responsabilize pela função de cuidar. O que é mais complexo e que se desdobra desse saber, é que esse cuidado se encontra alicerçado no manuseio que a mãe faz do corpo do bebê, inicialmente segurando-o, embalando-o nos seus braços e, posteriormente, somado a isso, dando esse *holding* à criança e adaptando-se às suas necessidades mutáveis (Winnicott, 1965/2005).

Desta maneira, o cuidado específico materno vai sendo transposto de um ponto inicial, qual seja, o dos cuidados ligados ao bem-estar físico do bebê, a um outro, mais amplo, que se refere aos cuidados mais gerais que incluem a capacidade materna de regular

o ambiente mantendo-o estável e confiável. Daí, esse segurar passa a ser um segurar a situação no tempo, para que o impulso criativo do bebê possa advir, sem exigências (Dias, 2003).

Nas palavras do psicanalista:

“De minha parte, dou-me por satisfeito em usar o verbo segurar, e ampliar o seu significado para que possa abranger tudo aquilo que, nesta ocasião, uma mãe é e faz. Creio que se trata de um período crítico, mas mal me atrevo a dizer tal coisa, pois seria uma pena fazer com que uma mulher se sentisse constrangida exatamente neste ponto em que ela está e age *naturalmente*. É neste ponto que ela não pode aprender nada nos livros... neste momento em que sente se o bebê precisa ser tomado nos braços ou colocado sobre uma superfície qualquer, ser deixado a sós ou mudado de posição, ou em que sabe que o essencial constitui a mais simples de todas as experiências, a que se baseia no contato sem atividade e que cria as condições necessárias para que se manifeste o sentimento de unidade entre duas pessoas, que de fato são duas, e não apenas uma” (Winnicott, 1966/2005, p. 4-5).

Tempo de experiência, tempo de elaboração

Pensamos ser interessante colocar em relevo o tempo do grupo e pensá-lo, aludindo-o à noção de confecção da intimidade. Como disse o filósofo e fenomenólogo Gastón Bachelard (1948/1990): “Todo conhecimento da intimidade das coisas é imediatamente um poema” (p.10). Segundo ele, a casa natal é a casa da intimidade absoluta (Bachelard, 1948/1990). É o espaço por excelência da criação de raízes do sujeito no mundo. A casa seria o espaço concreto pelo qual o valor singular das imagens de intimidade protegida se desenvolveria.

Para Bachelard, a casa é o nosso “canto do mundo”, que assim se estabelece no cotidiano de vivências efetivas dos espaços. Ela é o nosso primeiro universo, permitindo habitar com segurança, desenvoltura e intimidade outras partes do mundo. Ao nos aventurarmos por novas moradias, um passado se transpõe para o presente, vindo sutilmente colorir as novas experiências de habitar. Isto é, as imagens se alastram em um devaneio profundo, recuperando o passado até alcançar um “âmbito imemorial”, que se localiza “além da mais antiga memória” de intimidade e acolhimento (Parente, 2009).

O filósofo nos inspira a avançar um pouco mais e a criar um campo de reflexões inusitado, em que se articulam dimensões profundas do viver, como são o estado de intimidade e as possibilidades de desfrutá-lo, quando há bases confiáveis para simplesmente “ser”.

Na tessitura desses momentos “segurados no tempo” das supervisões, pudemos ir edificando laços que foram sendo confeccionados ao longo de cada instante, de cada relato, de trocas de experiência, de partilha de pontos de sensibilidade das participantes, assim por diante. E nesse desenho da construção da intimidade, foi aparecendo uma forma de funcionar que contempla sintonias, sincronidades, ritmos e diferenças. Que acima de tudo, envolve presença.

Segundo Lacroix & Monmayrant (1997):

“A presença do grupo representa, pois, um importante continente para as angústias primitivas inevitavelmente despertadas pelo contato com um

bebezinho e seu entorno familiar. Essa função continente do grupo para o observador é também semelhante à função de sustentação do pai e do grupo familiar ampliado para a mãe: o grupo assume uma posição de terceiro, que permite passar do impacto emocional da situação de observação para o trabalho de elaboração psíquica. Nesse trabalho de elaboração, as impressões sensoriais, as vivências, as recordações são tecidas para dar nascimento a novas imagens, que não são mais as do observador, mas resultantes de uma conjunção fértil de seu *revêrie* e o do grupo” (p. 65)

O tempo da experiência foi, assim, instaurando-se. Com o intuito de elucidar o que foi vivido, chegamos a um denominador comum que concorda com a ideia do funcionamento do grupo como um terceiro. Um olhar tridimensional que vai ressignificando o modo de ver e significar da supervisora, instituindo, então, um terceiro tempo, que demarca um espaço mais amplo para se receber o que é tecido, pensado, elaborado e transmitido. Esta ressignificação representa o processo de maturação do grupo sobre uma dada aprendizagem que vai se incorporando pelo exercício de olhar e pensar o primitivo e seus desdobramentos. Estes se expressam pelo universo da linguagem não-verbal e pré-verbal. Das linguagens arcaicas, do gestual e do folclore vivido por cada família e que vai se dando num processo de transmissão.

Tal apreensão marca a incidência das manifestações do inconsciente, que também se revelam pela palavra. Essa palavra precisa ser registrada, para não ser “perdida”, porque ela escapa, se esconde e brinca conosco.

De acordo com Barthes (1977):

“...as palavras não são mais concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, são lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores: a escritura faz do saber uma festa. (...) a escritura se encontra em toda parte onde as palavras têm sabor (saber e sabor, tem, em latim, a mesma etimologia). (...) É esse gosto das palavras que faz o saber profundo, fecundo” (p.21).

É no ritmo do gosto e sabor pelas palavras que escolhemos um trecho de uma sessão de observação, complementada por fragmentos do relato de supervisão desta observação.

Esta é a quarta semana que vou fazer a observação do bebê Tiago. Já há, no meu modo de ver, uma “gordurinha”, muito incipiente, é certo, mas algo já existe. Meu relato, desta vez, parte do *a posteriori*, pela indicação do tempo que vejo, e que me dou conta ao ler o cabeçalho. Faz um mês, praticamente, que estou com esta dupla. Há tanto ainda pra descobrir, para saber, para conhecer, mas já é algo.

Em se tratando do clima, o dia estava nublado à tarde, e eu penso nessa evidência ser constante nas últimas quatro terças-feiras.

Hoje me percebi sem vontade de ir à observação. Questionei-me por que estava tendo tal sentimento. Uma mistura de preguiça, com vontade de ficar à toa, com algo que se assemelha a um tédio, quem sabe a não saber me entregar a um certo ócio. Por outro lado, porque sei, no fundo, que vou atravessar essa travessia desconhecida, estranha e que me evoca uma série de questionamentos, medos, sensações, um testemunhar que me aflige, porque não posso ir embora (Jeanne Marie Gagnebin).

Ia pensando na experiência de fazer observação, que é radicalmente diferente da escuta analítica, no que se refere à posição adotada, tanto corporal como discursiva. Jogar-se, sem se jogar, presenciar e acompanhar com o próprio corpo e a própria história, desde um outro lugar. Construir-se baseando os alicerces num mapa em que vai se revelando na travessia. Depender desse mapa é muito arriscado. E muito transformador.

Como de costume, fui até a parada e peguei um ônibus. O nome era Bonsucesso. Chamou a minha atenção que o motorista estava alegre e esperou até que um conhecido seu embarcasse. Eu subi logo atrás.

Desci três paradas após e caminhei rumo ao meu destino.

Quando entro na rua, me surpreende ver outra dupla mãe-criança negra – ou irmã mais velha-irmã mais nova, quem sabe, de mãos dadas. Vejo os profissionais na mecânica, uma loja de ajustes de costura, carros cruzando a avenida e na esquina deparo-me com uma vó e um bebê lindo. Era uma menina, com um brinquinho de ouro amarelo na orelha.

Segui mais um pouco e cheguei até a casa de Taiane e Tiago.

Quando aperto a campainha, Tetê, a cachorrinha vem até mim. Parece que já me conhece.

Do lado de fora da casa, olho para dentro. Vejo o jardim e noto que o saco plástico azul saiu dali. Fico curiosa. A caixa de suco de uva segue virada e com os tons desgastados, provavelmente, pela ação do tempo e das chuvas.

De repente, a porta se abre e pela primeira vez, quem vem me receber no portão é a Taiane com o Tiago em seu colo. Fico feliz com essa surpresa.

Tiago está crescendo e cada vez mais bonito. Está usando um tip top azul clarinho. A mãe parece escabelada e um pouco descuidada de si mesmo.

Entro e peço licença. Não vejo Ruth em casa. Pergunto a Taiane se posso me sentar. Coloco-me no meu lugar usual do sofá, mas hoje parece mais difícil de eu me “ajeitar” ali. Ao redigir o relato, percebo que isso pode ter a ver com o nosso primeiro momento juntos, eu, Tiago e Taiane, sem a presença da mãe de Taiane.

Estico o meu olhar até a cozinha e Taiane me diz: a mãe não tá! Ela foi levar o Gustavo no inglês.

R=Ah! Tá!

Ela vai até a cozinha, para esquentar o “mamá” de seu filho e eu tomo a liberdade de dizer: então, eu vou até a cozinha contigo.

T=Tá.

Ela esquento o leite no micro. Pega desajeitadamente a mamadeira, com ele no colo, e testa na sua pele a temperatura. Diz que está bom. Observo o quanto esse simples ato parece complexo pra ela. Como se Taiane estivesse sobrecarregada.

Ela termina e não consegue fechar o microondas. Tenta várias vezes, mas ele está emperrado e continua com a luz interna acesa, mesmo com a porta fechada.

T=Ai, o que eu fiz. Ai, não fecha. Depois eu vejo.

Senta com Tiago na cozinha e eu sento junto, de frente pra ela, na cadeira.

A ausência de Ruth deflagra a desorganização aparente de Taiane, que se mostra no ambiente, na disposição das coisas. A cozinha está um pouco bagunçada, a mesa também, Taiane come chocolate Hershey's, ao mesmo tempo que dá a mamadeira ao seu filho. Incomodo-me de ver que não há um espaço e um tempo para Tiago se alimentar e ser amamentado. O que predomina é o barulho, a agitação, e o quanto ele tem de se encaixar em tudo isso.

Ela está usando shorts jeans e uma regata de elastano, rosa antigo, com uma rendinha na barra. Como de costume, está descalça.

A não-presença de Ruth me fez pensar numa autorização não-verbal para que eu pudesse entrar mais na intimidade da casa, confiando a mim ser a guardiã do ambiente e da dupla. Fiquei pensando isso na cozinha no início do meu tempo ali com eles.

Em se tratando da observação de bebês e da importância do momento da supervisão, ambas propiciam um espaço e um tempo para que, além de tantos outros elementos, apareça o criativo.

Pensando o *setting* da supervisão como solo para o criativo emergir, vimos operando uma descoberta recente: a do tempo do relato de supervisão como ferramenta de trabalho para as elaborações que se manifestam do inconsciente se desvelem e para a escritura criativa despontar. Nessa atmosfera de criações e gestações, optamos por ilustrar o que vimos abordando ao longo do texto, com fragmentos do registro escrito acerca do relato de observação.

No clima afetivo do café de Ivanosca iniciamos mais um encontro do nosso grupo.

Ao término da leitura do relato de Carmem, chama a atenção de Renata, a forma como foi grafado “BB”, referindo-se a Tiago.

Lembra as iniciais de Banco do Brasil, lugar onde se guarda e onde circulam investimentos. Investimentos que o bebê recebe da observadora, do grupo. A família que acolhe a observadora...

A supervisora destaca a sintonia do grupo como algo muito potente, que possibilita esse tipo de comunhão. Colocamo-nos à disposição de captar o outro, de observar o que acontece conosco...

Uma mãe se constitui na presença de um olhar feminino, refere Ivanosca, e Renata também precisa ser amparada, olhada, para se constituir numa observadora, sem julgar, sem intervir. Basta apenas Renata pensar, olhar, observar, porque isso é terapêutico. É o silêncio de Renata que possibilita a Taiane pensar.

Durante a observação, o observador captura, registra e guarda dentro de si o impacto emocional sentido e vivido nessa experiência, compartilhando-a com seu grupo, que tem como função a transformação psíquica e a manutenção do observado. Desta forma, as sínteses da vivência grupal sobre o relato do observador, apresentadas em relatórios, mais do que reunir os diversos olhares em torno da observação, são uma nova construção dos elementos dispersos que permitem retornar à observação, revendo os aspectos mais importantes. Essa síntese deve permanecer o mais aberta possível, favorecendo o espírito de abertura para a mudança (Lacroix & Monmayrant, 1997).

Tempo de tessituras e de invenções

Após deslindarmos os diferentes elementos de nossa trajetória ao redor dos bebês e da escritura que os embala, encaminhamos nossas reflexões para um acabamento provisório. Chegamos, enfim, ao tempo de concluir. De propor as amarrações finais.

No entanto, nossa forma de terminar é tecida pelos desenhos e invenções em torno desse berço-experiência na qual se chama a observação de bebês. Neste ofício do tecer, de

musicar as palavras até torná-las poéticas, nos deixamos tocar pelos rumos inesperados que o encontro vivo deste grupo desperta e compõe.

A condição de observar, ao mesmo tempo que inscreve uma nova tessitura de como se escutar e se posicionar na vida, restitui nas observadoras e na supervisora, delicadamente, os vestígios de nossas casas natais, que são acionadas pelo bebê latente que reside em nós.

“O observador é aquele que guarda em si o impacto emocional com a situação de observação, restituindo-o de forma viva no seminário; e o grupo também possui uma função de observação, que não se limita à escuta e *revêrie*, mas que também é uma função de transformação psíquica e de “manutenção”, no duplo sentido de segurar e guardar” (Lacroix& Monmayrant, 1997, p. 67).

Por fim, é válido mencionar que neste caminho que estamos percorrendo no interior da experiência de observar uma dupla mãe-bebê, o amparo do grupo é fundamental. A companhia viva que nutrimos, mutuamente, ao estarmos reunidas e cuidadas pelo ser sustentador e cuidadoso da supervisora, legitima o nosso percurso. Ademais, alarga as possibilidades de nos conhecermos com maior profundidade, nas nossas singularidades e nas nossas necessidades de partilha das histórias.

Com isso, vamos nos percebendo envolvidas por uma malha rendada, que adorna nossas subjetividades. Os detalhes e a artesanania dessa criação são feitos de finos fios do cotidiano e de pedrinhas esculpidas pelo frescor do nosso imaginário, dos nossos sonhos e dos nossos devaneios, que vão se revelando na nossa cantoria.

É neste clima que embalamos nossos bebês observados, que oferecemos nosso olhar e nossa escuta às mães e aos pais, segurando-os e investindo-os do nosso afeto através dessa bolsa gestacional grupal.

Até este momento, nossa gestação vai bem, e o nosso bebê-grupo tem dado mostras, nas ultrassonografias semanais, de que vem se desenvolvendo satisfatoriamente. A cada conquista de sua constituição corporal e emocional, vislumbramos seus contornos. O que está em relevo é sua robustez. Nosso bebê-grupo está robusto, como robusto deve ficar um bebê que cresce e amadurece bem, ao ser acompanhado e conduzido por uma mãe que sabe ser suficientemente boa e continente, "construindo" uma robustez física e mental para ele. Afinal, não queremos ser vistas por pessoas razoáveis! Desejamos ser vistas – e estamos sendo – de azul!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R. (1977/1997). *Aula*. São Paulo: Cultrix.

_____. (1977). *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes.

BICK, E. (1948/1967). Notas sobre la observación de lactantes en la enseñanza del psicoanálisis. *Rev. Psicoanal*, v. 24, n. 1, p. 97-115, Buenos Aires. Disponível em: http://www.asmi.es/arc/doc/notas_observacion_lactantes_ensenanza_psicoanalisis.pdf Acessado em 10/05/2013.

BACHELARD, G (1948/1990). *A terra e os devaneios do repouso*. São Paulo: Martins Fontes.

BARROS, M. (2010). *Poesia completa*. São Paulo: Leya.

BERENSTEIN, I. (1988). *Família e doença mental*. São Paulo: Escuta.

DIAS, E. *A teoria do amadurecimento de D. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.

GOLSE, B. (2003). *Sobre a psicoterapia pais-bebê: narratividade, filiação e transmissão*. Coleção 1ª infância. São Paulo, SP: Casa do psicólogo.

HARRIS, M. (1976). Contribuição da observação da interação mãe-bebê e de seu desenvolvimento para a formação do psicanalista ou do psicoterapeuta analítico. In: LACROIX, M (1997). *Os laços do encantamento: a observação de bebês, segundo Esther Bick, e suas aplicações*. Porto Alegre: Artes Médicas.

IZZEDIN-BOUQUET, R. (2009). El método de observación de bebés de Esther Bick. *Perinatología e Reproducción humana*. Artículo de revisión. Octubre-Diciembre, 2009 Volumen 23, Número 4, pp 219-222 Disponível em: <http://www.medigraphic.com/pdfs/inper/ip-2009/ip094e.pdf> Acessado em 12/05/2013.

LACROIX, M (1997). *Os laços do encantamento: a observação de bebês, segundo Esther Bick, e suas aplicações*. Porto Alegre: Artes Médicas.

PARENTE, A. A casa e o holding: conversas entre Bachelard e Winnicott. *Natureza Humana*. 11(1): 39-52, jan.-jun. 2009. Disponível em: http://www.centrowinnicott.com.br/arquivos/Alessandra_Parente.pdf. Acessado em 12/05/13.

SANDRI, R. (1997). O grupo de observação: escuta, *revêrie*, transformação. In: LACROIX, M (1997). *Os laços do encantamento: a observação de bebês, segundo Esther Bick, e suas aplicações*. Porto Alegre: Artes Médicas.

SILVA, M.C.P. ; SERBER, D.; MIZNE, G.; NOGUEIRA, M.; VENDRAMIM, P. (2007). O impacto emocional da observação do bebê no observador e na relação mãe-bebê. *Percurso* 39. A psicanálise e o mal-estar contemporâneo. Dez. 2007. Disponível em: http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apq=artigo_view&ida=192&ori=edicao&id_edicao=39. Acessado em 10/05/2013.

WINNICOTT, D. (2006). A mãe dedicada comum. In: *Os bebês e suas mães*.

_____ (2005). Influências de grupo e a criança desajustada. O aspecto escolar. In: *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.